

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIRO DE ATIVIDADES

1ª SÉRIE

4º BIMESTRE

AUTORIA

NOEMIA DE AZEVEDO NASCIMENTO

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

A atriz Fernanda Torres está fazendo a sua estreia como autora de teatro com a peça “*Deus é química*”. Trata-se de uma corajosa abordagem sobre o uso de drogas e de antidepressivos que termina fornecendo o número de telefone dos Narcóticos Anônimos. Nesta entrevista, ela conta que usou drogas durante anos.

Fernanda Torres

AGORA POSSO FALAR SOBRE DROGAS

Longe do vício e sem medo de recaídas, a atriz abre o jogo sobre a sua experiência com cocaína e diz que hoje os antidepressivos viraram moda.

Por Eliane Lobato

***Istoé** - Por que fazer uma peça sobre drogas?*

***Fernanda Torres** - Eu tinha essa cena na cabeça, um casal de cariocas esperando o vapor (entregador de drogas), enquanto polícia e traficantes se enfrentavam a tiros do lado de fora da casa: um paradoxo da classe média liberal. Falar de drogas é um projeto antigo, de anos.*

***Istoé** - A sra. já usou drogas? Quais?*

***Fernanda Torres** - Comecei com maconha e fui até o pó.*

***Istoé** - Ainda usa?*

***Fernanda Torres** - Parei. Faz um bom tempo. Outro dia comentei isso: só posso fazer essa peça agora porque ‘vi Jesus’(risos). Sabia que faria essa peça apenas quando não tivesse mais culpa no cartório. Hoje eu posso.*

***Istoé** - Quando parou e o que a fez parar?*

***Fernanda Torres** - Tudo, sei lá. Acho que o que me bateu mais foi a saúde.*

A sensação que eu tenho é que a gente vai ficando mais velha e se vendo mais mortal. Mas, quando se é novo, queremos experimentar morrer. Quando eu olho para trás, penso: nossa, eu corri tantos riscos de morte na minha juventude. Não me arrisco mais assim. Depois que a gente se torna mãe, então, não quer se arriscar nem na ponte aérea.

Istoé - *A sra. subia o morro para comprar droga?*

Fernanda Torres - *Não, não. Eu sou babona (medrosa). (...)*

Istoé - *Sua peça faz uma crítica severa às drogas.*

Fernanda Torres - *Não sei, acho que não. Acho que critica severamente o uso de antidepressivos, a droga da felicidade. Faz uma crítica feroz à cocaína, mas, ao mesmo tempo, fala que as pessoas sempre se drogaram, bebendo, fumando. Nós estávamos em dúvida se a peça seria vista como crítica ou apologia porque resgata a ideia dos anos 60, quando as drogas eram um caminho para o autoconhecimento. O lema era “Seja Marginal, Seja Herói” (obra do artista plástico Hélio Oiticica). O mito do marginal, do revolucionário, era encantador. Eu cresci nessa época. A direita estava no poder e nós tínhamos de fazer o oposto da direita, por princípio. Nas escolas experimentais, onde eu estudei, o refrão era a liberdade para tudo. Hoje ficou diferente.*

Istoé - *Como é hoje?*

Fernanda Torres - *Hoje todo mundo é deprimido. Se você tem uma tristeza, logo aparece alguém para aconselhar a tomar um remedinho para ficar bem, para não ficar ansioso. É a geração do Rivotril (tranquilizante). É remédio para regular humor, combater tristeza, emagrecer. Uma vez tomei um emagrecedor e falei: gente, desculpa, mas isso é igual à cocaína. Primeiro, eu fiquei com palpitação no coração e, depois, meio deprimidinha. Fiquei sem fome e excitada e, depois, muito angustiada. Já vi isso antes, só que tinha outro nome: cocaína. Antigamente, todo mundo fazia análise, hoje a psicanálise perdeu para a psiquiatria. Todo mundo tem um psiquiatra, é bipolar, e toda criança é hiperativa. Impressionante. Deve haver outra maneira de resolver nossos problemas que não seja tomando remédinhos, né? Isso eu acho muito sinistro. Marca o nosso tempo.*

(...)

Istoé - *A peça termina aconselhando as pessoas a pensar bem antes de recorrer a remédios e drogas.*

Fernanda Torres - *A ideia é baseada no livro do Antonio Damásio (“Homem na Escuridão”), para quem o medo, a angústia e todas as emoções básicas fazem parte do instinto de sobrevivência humana. Uma sociedade que escolhe não lidar com a angústia e o luto é uma sociedade que está abrindo mão de suas defesas. O que queremos dizer é: como você vai lidar com as suas angústias. Dá um jeito. Todo mundo que eu conheço que se drogou muito, recebeu uma conta dura lá adiante. Ao mesmo tempo, tenho medo de me tornar uma pessoa toda controlada e chata, que malha, que não se droga, nunca sai de si, consciente, ecologicamente correta.*

Istoé - *A sra. é assim, toda certinha?*

Fernanda Torres - *A descriminalização pode ser um bom caminho. Tirar a droga da área de polícia, crime, e levar para a questão de saúde. Tirar o glamour também ajuda a diminuir o uso, conforme já se comprovou. O cigarro já foi glamouroso e, hoje, fumar é out. O adolescente que fuma é visto como um otário, um bobo. Essa é uma boa maneira de lidar. Lembro de um amigo meu em coma alcoólico com 14 ou 15 anos. É uma das imagens mais doidas que eu já vi na minha vida. Era o batismo dele, estava num rito de passagem, virando homem. Sinto que as drogas também têm esse papel na vida dos jovens. (...)*

Istoé - *A sra. ainda faz dieta? Cuida muito da imagem?*

Fernanda Torres - *Eu era uma adolescente redonda, grande candidata a obesa. Um dia, entendi que malhando ajudava a segurar a carne, que não bastava emagrecer. Hoje faço ioga e pilates. Eu não ia a salão de beleza nem arrastada. Mas, agora, tenho a raiz do cabelo branca, fico lá duas horas. Mas não me maquio. Silicone e botox, eu tenho medo. Meus peitinhos nunca foram grandes, mas tive dois filhos e eles continuam aí, meus amigos. Gosto muito dos meus peitinhos, sou feliz com eles.*

Fonte: http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/18368_Agora+Posso+Falar+Sobre+Drogas+

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1

A entrevista é marcada pelo diálogo entre entrevistador e entrevistado. Como se identificam estas falas neste diálogo?

Habilidade Trabalhada

Reconhecer a natureza dialógica da linguagem e os recursos para marcar o locutor e o interlocutor.

Resposta comentada

O aluno deve identificar que não há, como na narrativa, o travessão para identificar as falas, mas há o nome da revista (representada pela repórter Eliane Lobato) e da entrevistada em negrito. Também perceberá que houve uma apresentação da entrevistada antes do exercício e no lead.

TEXTO GERADOR II

MACONHA FAZ MAL, SIM

Por Adriana Dias Lopes

Hoje ainda, até o fim do dia, 1 milhão de brasileiros terão fumado maconha. A maioria dessas pessoas está plenamente convencida de que a droga não faz mal. Elas conseguem trabalhar, estudar, namorar, dirigir, ler um livro, cuidar dos filhos... A folha seca e as flores de Cannabis são consumidas agora com uma naturalidade tal que nem parece ser um comportamento definido como crime pela lei penal brasileira. O aroma penetrante inconfundível permeia o ar nas baladas, nas áreas de lazer dos condomínios fechados, nos carros, nas imediações das escolas. A maconha, que em outros tempos já foi chamada de

“erva maldita”, agora ganhou uma aura inocente de produto orgânico e muitos de seus usuários acendem os “baseados” como se isso fosse parte de um ritual de comunhão com a natureza, uma militância espiritual de sintonia com o cosmo. Há uma gigantesca onda de tolerância com esse vício. (...) Em maio deste ano, no Brasil, sob o argumento do direito à liberdade de expressão, o Supremo Tribunal Federal (STF) liberou a marcha da maconha – desde, é claro, que ela não fosse consumida pelos manifestantes. Em um de seus shows, em Janeiro, Rita Lee causou tumulto ao interromper a apresentação em Sergipe para interpelar os policiais que tentavam reprimir o fumacê na plateia: “Este show é meu. Não é de vocês. Por que isso? Não pode ser por causa de um baseadinho. Cadê um baseadinho pra eu fumar aqui?”.

Na contramão da liberalidade oficial, legal e até social com o uso da maconha, a ciência médica vem produzindo provas cada dia mais eloquentes de que a fumaça da maconha faz muito mal para a saúde do usuário crônico – quem fuma no mínimo um cigarro por semana durante um ano. Fumar na adolescência, então, é um hábito que pode ter consequências funestas para o resto da vida da pessoa. Aqueles cartazes das marchas que afirmam que “maconha faz menos mal do que álcool e cigarro” são fruto de percepções disseminadas por usuários, e não o resultado de pesquisas científicas incontestáveis. Maconha não faz menos mal do que álcool ou cigarro. Cada um desses vícios agride o organismo a sua maneira, mas, ao contrário do que ocorre com a maconha, ninguém sai em passeata defendendo o alcoolismo ou o tabagismo. Diz um dos mais respeitados estudiosos do assunto, o psiquiatra Ronaldo Laranjeira, da Universidade Federal de São Paulo: “Encarar o uso da maconha com leniência é uma tese equivocada, arcaica e perigosa”. (...)

Até pouco tempo atrás vigorou a tese de que a maconha só deflagra transtornos mentais em pessoas com histórico familiar dessas doenças. Essa noção benigna da maconha foi sepultada, entre outros trabalhos, por uma pesquisa feita pelo Instituto de Saúde Pública da Suécia. Um grupo de 50.000 voluntários foi avaliado durante 35 anos. Eles consumiram maconha na adolescência. Os suecos demonstraram que o risco de um usuário de maconha sem antecedentes genéticos vir a desenvolver esquizofrenia ou depressão é muito mais alto do que o da população em geral. Entre os usuários de maconha pesquisados, surgiram 3,5 mais

casos de esquizofrenia do que na média da população. No que se refere à depressão, o número de casos clínicos foi o dobro. (...)

A razão básica pela qual a maconha agride com agudeza o cérebro tem raízes na evolução da espécie humana. Nem o álcool, nem a nicotina do tabaco; nem a cocaína, a heroína ou o crack; nenhuma outra droga encontra tantos receptores prontos para interagir com ela no cérebro como a cannabis. Ela imita a ação de compostos naturalmente fabricados pelo organismo, os endocanabinoides. Essas substâncias são imprescindíveis na comunicação entre os neurônios, as sinapses. A maconha interfere caoticamente nas sinapses, levando ao comprometimento das funções cerebrais. O mais assustador, dada a fama de inofensiva da maconha, é o fato de que, interrompido seu uso, o dano às sinapses permanece muito mais tempo – em muitos casos para sempre, sobretudo quando o consumo crônico começa na adolescência. Em contraste, os efeitos diretos do álcool e da cocaína sobre o cérebro se dissipam poucos dias depois de interrompido o consumo. (...)

Quanto mais precoce for o consumo, maior é o risco de comprometimento cerebral. (...)

Fonte: Revista Veja, Editora Abril. edição 2293 – ano 45 – nº 44. 31 de outubro de 2012

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 2

Os textos, apesar de diferentes estruturas, se complementam, pois abordam o mesmo assunto: drogas. A entrevista, mais informal, em 1ª pessoa, difere da reportagem, mais objetiva, linguagem formal, em 3ª pessoa. Retire dos textos, elementos que comprovem a diferença dada à informação nos dois textos.

Habilidade trabalhada

Comparar o tratamento da informação na reportagem e na entrevista.

Resposta comentada

A estrutura diferenciada dá-se não apenas no formato, como também na linguagem utilizada. Na entrevista, o entrevistado pode dar sua opinião, utilizando verbos e pronomes em 1ª pessoa. Ex: “- *Eu tinha essa cena na cabeça*”; “*Acho que o que me bateu mais foi a saúde. A sensação que eu tenho é que a gente vai ficando mais velha e se vendo mais mortal.*” Já na reportagem, a linguagem é em 3ª pessoa, mais objetiva e imparcial. Ex: “*Em maio deste ano, no Brasil, sob o argumento do direito à liberdade de expressão, o Supremo Tribunal Federal (STF) liberou a marcha da maconha – desde, é claro, que ela não fosse consumida pelos manifestantes*”.

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 3

Em trios, vocês devem entrevistar uma pessoa de destaque na comunidade ou na escola. Sigam o que já foi estudado sobre o gênero e as informações já dadas no roteiro de atividades anterior sobre o assunto.

Habilidade trabalhada

Produzir roteiro para uma entrevista editando-a depois para publicação em jornal mural ou blog.

Comentário

Como os alunos já terão estudado o R.A. sobre entrevista, deve-se aproveitar o plano lá descrito para a execução desta atividade.

Para realizar tal tarefa, o aluno seguirá os itens já descritos no roteiro anterior, transcritos na íntegra aqui.

Para que o trabalho seja bem-sucedido, siga o seguinte plano:

- A entrevista deve ser marcada com antecedência, informando-se o entrevistado sobre o assunto e a duração do encontro;
- Procurem informações sobre o entrevistado e sobre o tema da entrevista;
- Façam um roteiro com perguntas breves e objetivas;
- A entrevista deverá ser gravada;
- A dupla deverá ouvir a gravação para que seja compreendida;
- É imprescindível que o texto de entrevista seja introduzido por uma apresentação da pessoa entrevistada. Recomenda-se também que o texto não seja muito longo, para que não haja informações desnecessárias;
- Em seguida a conversa deverá ser transcrita, no registro padrão da língua, eliminando-se as repetições, as interrupções e as hesitações;
- As perguntas deverão ser facilmente diferenciadas das respostas;
- Por fim a entrevista de cada dupla deve ser afixada no mural da sala ou publicada em um blog, para que os outros grupos tenham oportunidade de fazer uma leitura.